UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE DIREITO

JULIANA ALEXANDRE

**A MODERNIDADE COMO REVOLTA GNÓSTICA A PARTIR DO DOUTOR
FAUSTO DE THOMAS MANN E SEUS IMPACTOS NO DEBATE ENTRE
DIREITO E MORAL.**

SÃO PAULO
2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE DIREITO

JULIANA ALEXANDRE

**A MODERNIDADE COMO REVOLTA GNÓSTICA A PARTIR DO DOUTOR
FAUSTO DE THOMAS MANN E SEUS IMPACTOS NO DEBATE ENTRE
DIREITO E MORAL.**

Dissertação de Mestrado apresentado
à Faculdade de Direito da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em
Direito.

Área de Concentração: Teoria
Geral e Filosofia do Direito.

Orientadora: Profa. Dra. Mara
Regina de Oliveira.

SÃO PAULO
2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____ **Data:** _____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca da Faculdade de Direito da USP

Alexandre, Juliana.

A modernidade como revolta gnóstica a partir do Doutor Fausto de
Thomas Mann e seus impactos no debate entre direito e moral /

Juliana Alexandre 127p.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Direito da Universidade de
São Paulo

Orientadora: Mara Regina de Oliveira

1. Filosofia política; 2. Filosofia do direito e literatura;

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome da autora: Juliana Alexandre

Título:

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade e Direito da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Direito.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Mara Regina de Oliveira

Instituição: FDUSP

Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*À minha família e aos meus amigos,
por todo amor.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais,
pelo carinho e compreensão.

À minha tia Edna,
pela coragem e pelo gosto pela aventura.
Ao meu irmão, sua esposa e minha sobrinha,
pelos momentos de alegria.

Aos meus amigos Vinicius, Mario e Rafael,
pelo companheirismo e acolhimento.

Aos meus mestres João e Pedro,
pelo amor sincero à transcendência
em todas as suas formas.

Harry Clarke, ilustrações ao *Fausto* de Goethe, edição de 1925.

“De como ele empenhou a si mesmo ao Diabo,
a partir de uma determinada data;
dos tipos de aventuras bizarras que ele testemunhou nesse meio tempo;
por ele mesmo provocadas e praticadas,
até que, finalmente, recebeu sua bem merecida paga.

Coletadas e impressas,
Em grande parte, a partir dos próprios escritos que deixou
para servir como terrível exemplo, modelo abominável e sincera advertência
a todos os homens que se acham orgulhosamente superiores,
aos pretensiosamente curiosos e aos ateus.”.

Johann Spies, *História do Doutor Johann Fausto, do mui famoso mago e nigromante*.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo estudar, sob uma perspectiva interdisciplinar, a doença espiritual moderna como causa de ascensão do totalitarismo alemão do início do século XX e o papel do positivismo jurídico como sintoma e agravante desse contexto. Para isso, se pretende expor as raízes gnósticas da crise moderna que se inicia no Renascimento e deságua no totalitarismo contemporâneo mediante a investigação do mito fáustico enquanto símbolo da crise e de seu desenlace diabólico, tendo como material de investigação a obra *Doutor Fausto* de Thomas Mann, um romance de formação composto de dois planos narrativos: o do pacto do músico e o do pacto da Alemanha. Utilizando como autor teórico de base o filósofo político Eric Voegelin, orientando de Hans Kelsen e interlocutor direto de Thomas Mann. A fim de realizar essa tarefa, dentro dos limites de uma dissertação de mestrado, foi feita uma divisão em quatro capítulos, correspondentes à quatro diferentes etapas: a primeira de definição do conceito de doença espiritual e sua presença nos escritos de Mann e outros três acompanhando a crise moderna, com a disseminação do vírus gnóstico, até chegar, no final do século XIX, no ápice da crise, com o positivismo, em especial, na sua aplicação jurídica. Primeiramente, foi tratado o conceito de doença espiritual em Eric Voegelin e de seu emprego no capítulo XXV do *Doutor Fausto*. Em seguida, foi descrito a sintomática da doença a partir da agitação patológica do Renascimento, com a emergência do mito fáustico a partir dos escritos gnósticos das *Pseudo Clementinas* e sua disseminação pela *Legenda Aurea*, para demonstrar que a crise gnóstica da modernidade e a tradição fáustica estão necessariamente entrelaçadas. No momento seguinte, foi mostrado o agravamento da crise moderna e os primeiros efeitos dos movimentos revoltosos revolucionários, a partir das figuras do professor Schleppfuss, no capítulo XIII, e do professor Kumpf, no capítulo XII, do *Doutor Fausto*. Por fim, a partir de excertos do capítulo XIV do *Doutor Fausto*, foi descrito o ápice da crise moderna no século XIX e XX, com o positivismo jurídico, especialmente na sua concepção de ciência e moral, a partir dos escritos de Hans Kelsen. Discutiu-se, a título de conclusão, a relação entre o desenvolvimento da tradição fáustica e a crise gnóstica da modernidade - da qual o positivismo jurídico é também parte - como quadro interpretativo da gênese do *Doutor Fausto* de Thomas Mann e do totalitarismo por ele denunciado.

Palavras-chaves: Doutor Fausto; Gnosticismo; Positivismo Jurídico; Totalitarismo; Thomas Mann; Eric Voegelin; Direito e Arte.

ABSTRACT

This work aims to study, from an interdisciplinary perspective, the modern spiritual disease as a cause of the German totalitarianism rise, in the early twentieth century, and the role of legal positivism as a symptom and aggravation of this context. For this purpose, we intend to expose the gnostic roots of the modern crisis that begins in the Renaissance and flows into contemporary totalitarianism, using as main author the political philosopher Eric Voegelin, disciple of Hans Kelsen and Thomas Mann's direct interlocutor, upon an investigation of the Faustian myth as a symbol of the crisis and its diabolical outcome. As research material, we use Thomas Mann's *Doctor Faustus*, a novel composed by two narrative plans: one related to the musician's pact and the other to the German pact. In order to accomplish this task, within the limits of a master's dissertation, a division was made into four chapters, corresponding to four different stages, the first defining the concept of spiritual illness and its presence in Mann's writings and three accompanying the modern crisis, with the spread of the Gnostic virus, until the end of the nineteenth century, the climax of the crisis, with positivism, in particular, its legal application. First, we approached Eric Voegelin's concept of spiritual illness and its use in Chapter XXV of *Doctor Faustus*. Then we describe the symptomatic of the disease based on the pathological agitation of the Renaissance, with the emergence of the Faustic myth from the Gnostic writings of the *Pseudo Clementines* and its spread by the *Legenda Aurea*. This, to further demonstrate that the Gnostic crisis of modernity and the Faustian tradition are necessarily intertwined. In a next step, we show the aggravation of the modern crisis and the first effects of the revolutionary revolt movements, using the figures of Professor Schleppfuss in Chapter XIII and Professor Kumpf in Chapter XII of *Doctor Faustus*. Finally, based on excerpts taken from Chapter XIV of *Doctor Faustus*, we describe the climax of the modern crisis in the nineteenth and twentieth centuries, with legal positivism, especially its scientific and moral conceptions, based on the writings of Hans Kelsen. As a conclusion, we discuss the relationship between the development of the Faustian tradition and the Gnostic crisis of modernity - of which legal positivism is also part - as an interpretation framework of the *genesis* of Thomas Mann's *Doctor Faustus* and of totalitarianism he denounced.

Key-words: Doctor Faustus; Gnosticism; Legal Positivism; Totalitarianism; Thomas Mann; Eric Voegelin; Law and Art.

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE FIGURAS	13
INTRODUÇÃO	14
I. A DOENÇA ESPIRITUAL E O PACTO DIABÓLICO: ANÁLISE DO CAPÍTULO XXV DO DOUTOR FAUSTO DE THOMAS MANN.	25
1.1. Do microcosmo alemão ao macrocosmo ocidental: a queda tirânica pela doença espiritual da impiedade.	29
1.2. As Lamentações do <i>Doutor Fausto</i> : a queda totalitária moderna pela doença espiritual gnóstica.....	32
1.3. A metaespiritocritose de Adrian Leverkühn no capítulo XXV do <i>Doutor Fausto</i>	42
II. A PRIMEIRA FASE DA CRISE MODERNA (DO SÉCULO XIV AO SÉCULO XVI): O NASCIMENTO DO MITO FÁUSTICO A PARTIR DA DISSEMINAÇÃO DA EPIDEMIA GNÓSTICA.	49
2.1. A agitação patológica gnóstica do homem moderno durante o Renascimento: gênese da doença fáustica a partir das teses gnósticas constantes na <i>Legenda Aurea</i>	55
2.2. A revolta contra a razão: a crise da filosofia e da metafísica enquanto a ciência primeira.	70
III. A SEGUNDA FASE DA CRISE MODERNA (DOS SÉCULOS XVI AO SÉCULO XVIII): A REVOLTA GNÓSTICA COMO REVOLTA CONTRA O ESPÍRITO, A PARTIR DOS CAPÍTULOS XII E XIII DO <i>DOUTOR FAUSTO</i> DE THOMAS MANN.	73
3.1. O gnosticismo nas aulas demoníacas do professor Eberhard Schlegel, no capítulo XIII de <i>Doutor Fausto</i>	76
3.1.1. Fim do capítulo XIII: O fanatismo a partir do conto de Klöpfgeissel e Bärbel	83
3.2. Lutero sob as vestes do professor Ehrenfried Kumpf, no capítulo XII de <i>Doutor Fausto</i>	94

IV. A TERCEIRA FASE DA CRISE MODERNA (DOS SÉCULOS XIX À XX): A CRISE DA CIÊNCIA E DO DIREITO COM O POSITIVISMO JURÍDICO A PARTIR DO CAPÍTULO XIV DO <i>DOUTOR FAUSTO</i> DE THOMAS MANN.....	101
4.1. A concepção científica do mundo da Escola de Viena: a atitude antimetafísica e o positivismo enquanto método e modo de agir no mundo.....	105
4.2. O ceticismo metafísico e o ceticismo lógico como modos do psicologismo na base da concepção de significação jurídica e ordenamento jurídico na <i>Teoria Pura do Direito</i>	109
4.3. O relativismo ético e suas consequências práticas a partir da preleção <i>Hitler e os Alemães</i> de Eric Voegelin.....	115
V. CONCLUSÃO	120
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1 - *O Navio dos Loucos*, 1490-1500 de Hieronymus Bosch. Museu do Louvre.

FIGURA 2.2 – *A Abadessa*. Da série *Dança Macabra*, 1528, de Hans Holbein. Museu do Louvre.

FIGURA 2.3 – *O Caixeiro Viajante*. Da série *Dança Macabra*, 1551, de Hans Holbein. Museu Britânico.

FIGURA 2.4 – *O Corpo Morto de Jesus Cristo na Tumba*, 1522, Hans Holbein, Museu de Belas Artes da Basiléia.

FIGURA 2.3 – *O Combate entre o Carnaval e a Quaresma*. 1559, de Pieter Brugel. Museu de História da Arte em Viena.

FIGURA 3.1 – *O Sono da Razão Produz Monstros*. Prato 43 da série *Os Caprichos*, 1799, Francisco Goya, Museu Metropolitano de Arte (MET).

FIGURA 3.2. - *A Abertura do Quinto e do Sexto Selo*. Da série *Apocalipsis cum figuris*, 1498, de Albrecht Dürer.

I. INTRODUÇÃO

“O próprio Satanás se transfigura em anjo de luz”

2Cor 11,14.

Uma nova geração cresce sob a sombra dos acontecimentos do século XX. Impactada pelos fantasmas dos campos de concentração e bombas atômicas, a nova geração consome periodicamente incontáveis cientistas políticos, intelectuais da moda, filmes de guerra e jargões ativistas que encharcam o ambiente cultural contemporâneo. Por todo os lados, observa-se a penetração da linguagem ideológica, a polarização política simplista, a disseminação de informações falsas e a devastação dos semi-educados por gurus anti-intelectuais. O clima de opinião, alimentado por meios de comunicação de massa, enfraquece a reputação das instituições e o Estado, a cada passo, torna-se ingovernável.

O termo *fascista* foi reduzido à palavra de ordem. Sem um patrimônio histórico e cultural que nos vincule, nada nos diz. De um lado, filhos de maio de 1968, em um ato voluntário, se rebelam contra a tradição histórico-intelectual do Ocidente e se enveredam pelos caminhos das correntes marxistas e suas variantes estetizadas; de outro, os herdeiros do pensamento liberal, revolucionário e ufanista, nostalgicamente retomam ideias conservadoras a partir de um ideal romântico e enviesado. Ambos proclamam ter a chave do sucesso político e o roteiro da nova doutrina da salvação - contrária a todos os interesses egoístas, avaros e injustos do passado e do presente. O movimento da história para essa geração é figurado pelo anjo da história de Walter Benjamin que, com olhos arregalados, vê os acontecimentos do passado e, a partir do terror, voa para criar o progresso do futuro¹.

¹ Para Benjamin, o caminho da história é também um percurso para redenção. De fato, a noção de história progressista será um tópico central para a discussão dos movimentos de massa modernos no presente trabalho. Benjamin crê que a iluminação do passado nos leva para a redenção na história, o que faz com que o passado não deva simplesmente ser conhecido tal como foi, mas implica a retomada de uma recordação que poderá servir à urgência de uma situação de perigo pela classe dos oprimidos: *“Pois o Messias não vem apenas como redentor, mas como aquele que superará o Anticristo.”* (BENJAMIN, 2012, p. 12). O passado nos permite criticamente analisar o presente e atizar a esperança ao futuro. O anjo da história, assim, como o quadro de Paul Klee, se aterroriza com o passado e voa para criar o futuro: *“A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce*

Um otimismo ingênuo e evolucionista alimenta a confusão entre a totalidade da realidade e a realidade material dos dados históricos, estes que precisam ser conhecidos criticamente para que a salvação do humano pela economia e pela política seja viabilizada. A meta, tão nobre, faz com que a nova geração se veja obrigada a renunciar aos seus próprios fundamentos éticos e intelectuais em prol de qualquer escombros de humanitarismo – seja ele de “direita” ou de “esquerda”. Qual o papel da verdadeira cultura e da arte em uma sociedade que consome a estética propagada por ativismos militantes? Qual o valor da moralidade em uma nação regida unicamente por uma concepção positivista de Estado de Direito (*Rechtsstaat*)? Qual o sentido da metafísica em um mundo dominado pela ação política? A revolução, a corrupção, a violência e o próprio homem são todos instrumentos, em maior ou menor grau, eventualmente necessários ou tolerados para a instauração do almejado paraíso terrestre social. No entanto, a nova geração não ignora a queda dos grandes sistemas totalitários e parte, também, desse legado para inaugurar o novo milênio: uma terra arrasada, fria, instável e absurda. Não há dúvidas de que história do novo milênio é contada por um idiota, nos diria Macbeth².

No entanto, ainda que a memória se recuse a denunciar, o legado do século XX nos possibilita uma afirmação assombrosa: somos herdeiros de Auschwitz. Diante dos nossos olhos a ciência e a política foram vergadas em prol da câmara de gás e da bomba atômica. Quem poderá nos garantir que a doença não mais nos acometerá? Que homem sensato, hoje, poderá afirmar que habita um corpo político saudável? *Quem pode ter certeza de estar imune à infecção?*³, nos alerta Primo Levi.

até o céu. Aquilo a que chamamos progresso é este vendaval” (BENJAMIN, p 15). Os movimentos de massa do século XX, seja o comunismo ou o nacional-socialismo, terão a mesma base de sentimentos que os Anjo da História propagado por Benjamin e tantos outros.

² Eric Voegelin, em seu ensaio “*The German University and the Order of German Society: A Reconsideration of the Nazi Era*”, argui que as personagens do drama Macbeth são exemplos de tiranos acometidos por uma doença espiritual (VOEGELIN, 1999, p. 25). A tese é comprovada pelo excerto 5.1.23-63, no qual um médico diagnostica Lady Macbeth em um estado enlouquecido e histérico: “*This disease is beyond my practice; yet I have known those which have walked in their sleep who have died holily in their beds (...) Foul whisp’rings are abroad; unnatural deeds do breed unnatural troubles; infected minds to their deaf pillows will discharge their secretes. More needs she the divine that the physician. God, God forgive us all.*” (SHAKESPEARE, p. 220). Vale lembrar, ainda, que Macbeth e o Doutor Fausto de Marlowe não apenas partilham de um mesmo contexto histórico imediato, mas, de excertos que se confundem, como os monólogos desesperados finais de Macbeth e o Fausto de Marlowe, como demonstram obras como a de James Nosworthy, “*Macbeth, Doctor Faustus, and the Juggling Fiends*” e Richard Waswo, “*Damnation Protestant Style: Macbeth, Faustus and Christian Tragedy*”, infelizmente, um tópico que não poderá ser examinado apropriadamente no presente trabalho.

³ LEVI, Primo. *A assimetria e a vida*. 1ª edição. Editora Unesp. São Paulo, 2006, p. 3-5.

De fato, a epidemia do totalitarismo atingiu no século XX todas as instâncias da cultura e da sociedade – e, enquanto permanecermos imersos em uma crise aguda e tipicamente moderna de desumanização, não deixará de nos assombrar com a potencialidade assassina de seus regimes políticos. Essa crise não é recente ou territorialmente localizada, mas acompanha o homem moderno desde o Renascimento e atinge o seu auge no século XIX, afetando tanto o espectro da política, como da cultura, da ciência, da religião, dos costumes e, portanto, também da prática e da teoria jurídica.

No âmbito jurídico, essa perturbação já se manifesta, como um sutil sintoma, no processo de racionalização moderno da ordem jurídica. Gradativamente, o critério moderno de validade passa a ser determinado pela posição hierárquica das proposições jurídicas, segundo o qual toda proposição inferior é legitimada por uma proposição imediatamente superior, estando no nível mais alto as proposições legais da Constituição - embora a validade da própria Constituição permaneça, misteriosamente, indeterminada. Levando essa concepção de ordem jurídica às últimas consequências, passa-se a vivenciar uma terceirização da razão prática à uma autoridade central que assumirá o papel fundamental de “fonte do direito”, ou seja, na prática, a validade e o conteúdo da Constituição e do ordenamento, ou seja, a própria legalidade passa a ser considerada como resultado de uma simples adequação a um determinado “decreto” promulgado por certa autoridade com poder político para tal.

A lei é então erroneamente reduzida à lei decretada e passa a ser o único modelo de ordem de uma determinada sociedade, isentando os âmbitos não expressamente regulados de uma ordenação prévia e particular. Ainda, não somente os fundamentos e estrutura da lei positiva, como também os respectivos conteúdos dessas leis, passam a ser dimensões ignoradas pela discussão jurídica, a qual se recusa a tratar dos problemas de justiça a partir de uma metodologia científica verdadeiramente rigorosa. Crise jurídica esta que será protagonista e promotora de novos problemas na ordem política.

Ora, se o homem, concretamente considerado, deve obedecer como cidadão idôneo ao que a lei determina e se a questão acerca do conteúdo das leis e de sua validade é reduzida a determinação de opiniões individuais ou culturais (em outras palavras, a uma postura relativista), inevitavelmente, o que nos restará é o debate acerca dos jogos e fatos de poder, isto é, a compreensão reduzida de que a lei positiva é decretada por “alguém com poder político” e que, portanto, é preciso se conquistar essa parcela de representatividade

para que se possa determinar o conteúdo da lei positiva de acordo com os quereres de determinado indivíduo ou grupo identitário.

Com isso, incentiva-se uma “*desmoralização ao modo da ralé, que não se interessa pelas perguntas: onde encontramos ordem? Quais são os conteúdos da lei e o que elas ordenam? Onde estão os critérios de justiça? Quão longe se pode permitir o cálculo do erro?*” (VOEGELIN, 2008, p. 288). Ou seja, não somente o problema do conteúdo da lei passa a ser confundido com o da personalidade e desejos daqueles que têm que decidir pela sua constituição ou aplicação, como a própria noção de obediência se torna pálida e confusa: homens que obedecem pelo fato do poder e não mais pelo fato da razão prática. Esse contexto possibilita o surgimento de uma doença espiritual na forma de um mal banalizado, quase impossível de se diagnosticar e combater a olhos nus.

Esse problema será enfrentado por grandes intelectuais do século passado, como Hanna Arendt em seu *Eichmann em Jerusalém*. A filósofa, ao cobrir o julgamento mais aclamado depois de Nuremberg, descreve seu assombro ao notar que o tenente-coronel da SS, responsável pelo transporte dos judeus para a implementação da Solução Final, era na verdade um burocrata ordinário e bastante obediente. Eichmann não era um monstro diabólico. “*Eichmann ist kein Mephistopheles*”, diz a personagem Hanna no filme de von Trotta. Era apenas um homem comum que obedeceria a lei e a autoridade, sem quaisquer conflitos morais, independentemente do conteúdo dessa lei. Considerava-se inocente das acusações que lhe eram infligidas, pois realizou simplesmente as funções que lhe foram impostas por uma autoridade central. Mas, não só. O sentimentalismo frente aos horrores do nazismo não poderá nos afastar da lucidez frente à verdade dos oprimidos, argui a autora:

O contraste entre o heroísmo israelense e a passividade submissa com que os judeus marcharam para a morte – chegando pontualmente nos pontos de transporte, andando sobre os próprios pés para os locais de execução, cavando os próprios túmulos, despindo-se e empilhando caprichosamente as próprias roupas, e deitando-se lado a lado para ser fuzilados – parecia uma questão importante, e, o promotor ao perguntar a testemunha após testemunha “Por que não protestou?”, “Por que embarcou no trem?”, “Havia 15 mil pessoas paradas lá, com centenas de guardas à frente – por que vocês não se revoltaram, não partiram para o ataque?”, elaborava ainda mais essa questão, mesmo que insignificante. Mas a triste verdade é que ela era tomada erroneamente, pois nenhum grupo ou indivíduo não judeu agiu de outra forma (ARENDT, 1999, p.22).

O massacre nazista, argui a Hanna Arendt, não foi determinado apenas pela falta de consciência moral de quem o perpetrou, mas também pela ausência de indignação justa e

legítima daqueles que dela lhe foram objeto ou testemunha. Com isso, a autora não pretende, em nenhuma hipótese, culpabilizar judeus e não judeus pelos seus assassinatos, mas apenas apontar que a perfídia da ideologia totalitária reside justamente nessa destruição das vítimas antes que elas cheguem ao cadafalso, como uma doença neural desorientadora. Analogamente, dizemos que as vítimas funcionam como hospedeiras do fungo mais aterrorizante do mundo, o *Ophiocordyceps unilateralis*⁴, que altera os processos naturais de suas vítimas, que após a “zumbificação” se encaminham voluntariamente à morte, como animais desorientados e perdidos.

Em verdade, toda tirania tem a sua causa em uma doença desordenadora, entretanto, no caso específico do totalitarismo seu modo de infecção se inicia pela absorção geral de ideologias diabólicas que incluem também a concepção de um modelo jurídico que dispensa a preocupação dos conteúdos da lei, subjetiva a estrutura da moralidade e determina a validade do ordenamento jurídico apenas a partir de sua estrutura formal. Isto é, o Direito contribui ativamente para a emergência do Estado totalitário definido como um regime político cujo conteúdo da lei será determinado por meio de uma organização autoritária que detém o poder político. E quanto mais diabólica a ideologia, ou seja, quanto mais desejar alterar as leis naturais do mundo e a própria natureza humana, mais violento deverá ser este regime político e mais abusivo o sistema jurídico.

Desse modo, as atrocidades do século XX também nos legam o fato claro e de difícil digestão de que pensar em um sistema jurídico cuja ordem é determinada apenas pela mera lei decretada e seus requisitos formais, somente se mostra viável enquanto a moralidade e a estabilidade das instituições de determinada comunidade se mantiverem intactas. Ou seja, compreender em que condições os criminosos do regime nazista – que não eram “foras da lei”, mafiosos ou homens do submundo, mas advogados, médicos, professores universitários, banqueiros, economistas, filósofos, artistas e centenas de célebres personalidades da Alemanha – puderam contribuir com um dos episódios mais catastróficos e cruéis da história mundial é problema da ordem do dia do jusfilósofo.

⁴ O *Ophiocordyceps unilateralis* é um fungo parasita encontrado em florestas tropicais, tendo sempre um inseto por hospedeiro. Após a infecção de seu esporo no sistema nervoso, o fungo modifica as ações comportamentais de seu hospedeiro, que deixa sua colônia para se manter no alto de árvores, em ambientes úmidos, onde o fungo melhor se desenvolve. Após alguns dias, uma estrutura na forma de um talo irá crescer na cabeça do inseto, liberando esporos que poderão infectar todos os insetos que eventualmente lhe cercarem. Trata-se de um dos predadores mais eficazes do mundo, podendo destruir colônias inteiras de insetos em pouco tempo.

Diante do horror do passado, o presente trabalho parte de uma inquietação viva e presente: quais as causas que permitiram o surgimento e ascensão do totalitarismo e como a filosofia do direito contribuiu com esse processo? Para esse empreendimento, como qualquer bom médico da alma, o filósofo do direito deve ocupar-se das causas de surgimento e disseminação da doença espiritual moderna que levam ao próprio colapso totalitário, partindo metodologicamente da descrição acurada de sua sintomática. Para isso, não há material mais privilegiado do que os símbolos fornecidos pelas obras artísticas.

Em primeiro lugar, mais do que meramente meios de entretenimento e diversão, a arte, e, em especial no presente trabalho, a literatura, possibilita o nosso interlocutor formar uma conexão estreita entre a configuração estética e uma rica reflexão jusfilosófica. Essa interdisciplinaridade permite a recomposição, nos termos de Adorno, de um *homem completo*, ou seja, daquele que não dissocia nenhuma de suas reações ou faculdades, segundo um formato instrumental da divisão social do trabalho (ADORNO, 2003, p.156). O homem completo é hábil em experienciar a grande arte e determinar os grandes problemas jurídicos, políticos e existenciais do homem moderno com maior concretude. Ainda, essa conjunção dos estudos jusfilosóficos e artísticos possibilita, enquanto método, uma visão empática dos problemas existenciais humanos, afastando-se de elementos alienantes e meramente acessórios.

Por outro lado, o uso de um símbolo a partir da recomposição da obra de um grande artista, enquanto exercício de escrita e leitura, também permite uma pausa na mera transmissão de sensações estéticas fúteis e conhecimentos protocolares acadêmicos (REGINA, 2009, p. 164), permitindo a ativação da memória do processo histórico da civilização ocidental. A memória na discussão de formação do totalitarismo no século XX é fundamental, afinal, o esquecimento, além de uma forma de falso apaziguamento social, também pode contemplar formas de farsa histórica: “*as mil e uma formas de piedosas mentiras históricas oficial que, para legitimar um regime ou reforçar uma ideologia, interpretam à sua vontade a simples verdade dos fatos*” (OST, 2005, p.171).

Ainda, especificamente na filosofia de Eric Voegelin, autor base para esse trabalho, a tomada dos diferentes símbolos como fonte privilegiada para a análise filosófica é um recurso metodológico importante, na medida em que, mais do que um conceito vazio, o símbolo assume a função representativa de um momento em que a realidade se ilumina. Ou seja, como estrutura da função comunicativa, o símbolo se mostra uma referência sensível ao não-sensível até então encoberto, da mesma forma que o pensar alegórico

(HENRIQUES, 1994, p. 137). Não se reduz a uma metáfora. A função simbólica é evocativa do processo de tensão originária em que se participa do ser ele mesmo e se estrutura, em respostas, o processo de realidade.

Portanto, a pesquisa que visa se apropriar dessa fonte enquanto método deve perseguir os rastros simbólicos em que a consciência exprime sua tensão original ou aqueles que partem dessa deformação. Ou seja, símbolos que transmitam o drama do ser na história. Esses símbolos podem ser dos mais diversos tipos: filosóficos, religiosos, míticos, entre outros. No entanto, nos interessa no presente trabalho nos ater aos mitos literários que permitem uma aproximação aos anseios existenciais de um modo imaginativo:

Para Voegelin, têm particular relevo escritores como Baudelaire, Flaubert, Albert Camus, Robert Musil, Hermann Broch, Heimito von Doderer, Thomas Mann e todos os que observam a dissolução das respectivas sociedades e a criação do “homem sem qualidades”. Ao invés de ideológicos que se reclamam de materialismo, estruturalismo, historicismo, estes autores deram-nos mitos literários convincentes sobre a estrutura da existência humana sem a pretensão de serem científicos. O investigador fica orientado por temas como a perda da realidade, a criação de realidades imaginárias, o homem revoltado, e outros procedimentos que deformam a vida da razão. Reconhecer-lhes o valor não é substituir a ciência pela literatura. Trata-se de mostrar que o impulso noético dessas obras preenche uma vasta área da vida latente de razão, e que todas encontram respostas adequadas para a ansiedade existencial. (HENRIQUES, 1994, p. 147).

Diante disso, para tentar iniciar uma proposta de resposta às ansiedades existenciais modernas que culminaram em uma das mais graves crises políticas e jurídicas contemporâneas, não há melhor imagem do que a de um jurista, artista, filósofo, cientista, político ou teólogo que diante de uma certa crise, seja ela social, do conhecimento ou da cultura, realiza um pacto com o Diabo visando a superação de sua natureza unicamente humana: o Fausto, certamente, o mais acurado símbolo do homem moderno – um mito de raízes gnósticas.

Nos mais de quatro séculos que nos separam da primeira versão do *Faustbuch* de Johan Spies, a história vem sendo contada e recontada pela literatura mundial. Na Inglaterra origina-se com *The Tragical History of Doctor Faustus*, escrito por Christopher Marlowe, quando o tema fáustico já era popular na Europa seiscentista. Na França, há a adaptação musical de Gounod ou mesmo o *Fausto* de Paul Valéry. Em Portugal, a versão do *Fausto* por Fernando Pessoa, sem contar as disputas pela tradução do *Fausto* de Goethe feita por António Feliciano de Castilho, que gerou um duelo entre Ramalho Ortigão e Antero de

Quental, em 1866. Na Itália, temos a adaptação musical de Arrigo Boito. Em 1967, na União Soviética, deve-se à Bulgakóv a versão de *O Mestre e a Margarida*, que retrata a tragédia fáustica como quadro da revolução de 1917. Na América Latina, temos o argentino *La Clínica del Doctor Fausto*, de Alberto Gerschunoff e os brasileiros *O Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa e *A Igreja do Diabo* de Machado de Assis.

No cinema há a versão do *Fausto* de Aleksandr Sokurov e mesmo a adaptação do *Doutor Fausto* de Thomas Mann dirigida por Franz Seitz. Na cultura popular contemporânea o Fausto aparece em programas de TV com bordões como “*Chirrin Chirrin*”, nos quadrinhos do Capitão América como um vilão que pretende inundar a Nova York de 1970 com um gás letal para obter controle mental dos americanos, a ponto de torná-los paranoicos e confusos (BERMAN, 2016, p. 51) e no surgimento do blues na figura do músico Robert Johnson, essas entre outras incontáveis versões e adaptações presentes em todas as instâncias da cultura.

Embora o Fausto se conduza por diferentes temas e motivos narrativos pela história, sua emergência e desenvolvimento é o sintoma manifesto de uma doença do espírito que nos acompanha individual e comunitariamente até os dias atuais. Seu surgimento, conforme será tratado no primeiro capítulo desse trabalho, está vinculado a uma perturbação existencial e espiritual que se inicia com quebra da unidade do povo de Deus e a decadência da metafísica, a partir da disseminação do vírus gnóstico pela Europa.

O Fausto é o símbolo atual da autodilaceração do homem moderno e do esfacelamento da cultura que lhe concedeu as condições de emergência. No entanto, para compreender como essa crise desagua na embriaguez totalitária não há obra mais adequada do que o *Doutor Fausto* de Thomas Mann, que narra a genealogia da história alemã e seu pacto diabólico totalitário a partir da história do músico afeito às artes mefistofélicas, Adrian Leverkühn, mediante o tratamento simultâneo de dois planos narrativos⁵: (i) a

⁵ Ressalta-se, novamente, que a importância dos estudos das obras artísticas para compreender os fenômenos políticos contemporâneos é o cerne de uma metodologia interdisciplinar que busca a partir de outras fontes como a literatura, o cinema, a música, compreender os fenômenos humanos com mais sensibilidade, ou seja, conforme afirma a professora Mara Regina de Oliveira, se propõe partir de “*linguagem imagética capaz de ampliar nosso raciocínio crítico sobre temas jurídicos-filosóficos, a partir de sua profícua associação dialógica com teorias críticas do direito*” expandir a leitura crítica dos problemas políticos e jurídicos reais (OLIVEIRA, 2015, p. 11).

ascensão de um tirano, pela imagem de um ex-estudante de teologia e artista talentoso e, (ii) a emergência de uma tirania pela imagem da Alemanha nazista⁶.

A história se inicia em 27 de maio de 1943, data em que o narrador do romance Serenus Zeitbloom – no mesmo dia em que o autor da obra Thomas Mann – inicia a escritura da biografia de Leverkühn, dois anos após sua trágica morte. O músico, um artista de uma genialidade “*de uma congênere adquirida, ruínosa, da consunpção pecaminosa, doentia de dons naturais, do cumprimento de um atroz contrato de compra e venda*” (MANN, 2015, p. 13), diante da crise da cultura alemã do século XIX e em troca de 24 anos vida e da impossibilidade de vivência do amor, realiza um pacto diabólico que lhe confere o elemento demoníaco e irracional às suas obras *Trabalhos de amor perdidos*, *Symphonie cosmologique*, *Revelação de São João*, *Apocalipsis cum figuris* e, à sua obra póstuma, *Lamentação de Doutor Fausto*, que trata do tentador, da apostasia, da perdição como uma obra religiosa:

O que eu tenho em mente é uma inversão, uma áspera e altiva contraversão do significado, tal como eu pelo menos encontro na “amável exortação” que o Doutor Fausto dirige aos seus companheiros da última hora, pedindo-lhes que se recolham, para dormirem tranquilamente, sem que nada os perturbe. Dificilmente poderemos deixar de interpretar, dentro do enredo da cantata, essa sugestão como o consciente e proposital oposto ao “Velai comigo”, do Getsêmani. (...) Mas com isso anda ligada uma inversão da ideia de tentação, pois, desse modo, Fausto rejeita como tal a esperança da salvação; não somente por lealdade formal ao pacto e por ser “tarde demais”, mas também por desprezar totalmente o caráter positivo do mundo devido ao qual poderia ser salvo e a mentira da divina beatitude do mesmo. Isso se torna ainda mais claro e se evidencia com toda a nitidez na cena com o bondoso médico e vizinho, que convida Fausto à sua casa, no piedoso e bem-intencionado intuito de convertê-lo. Mas, na cantata, ele insofismável e propositalmente apresentado como tentador. O paralelo com a tentação de Jesus por Satanás fica evidente, assim como é inconfundível o “ápago” transformado num orgulhoso e desesperado “não” ao falso e morno conformismo dos cidadãos de Deus. (MANN, 2015, p. 569).

Essa inversão da significação, em que o médico aparece como o leproso, a nível religioso ou filosófico, decorre de uma deformidade do intelecto que denominaremos de doença espiritual. Trata-se do problema fáustico tipicamente moderno que propiciará a

⁶ O *Doutor Fausto* contempla dois planos narrativos concomitantes que tratam do pacto realizado pelo artista de vanguarda Adrian Leverkühn e pela própria Alemanha: “A essa altura, a Alemanha, as faces ardentes de febre, no apogeu de selvagens triunfos, cambaleava, ébria, a ponto de conquistar o mundo, graças a um pacto ao qual tencionava manter-se fiel e que assinara com seu sangue. Hoje, cai em desespero, cingida de demônios, cobrindo um dos olhos com a mão e cravando o outro num quadro horroroso. Quando raiará da derradeira desesperança, um milagre que, superior a qualquer fé, traga a luz da esperança? Um homem solitário junta as mãos e diz: “Que Deus tenha misericórdia de vossa pobre alma, meu amigo, minha pátria!”. (MANN, 2015, p. 191).

ascensão de sistemas alienantes e pseudo-científicos modernos, propulsores dos eventos catastróficos do totalitarismo, conforme será tratado no segundo e terceiro capítulo desse trabalho, a partir dos capítulos XII, XIII e XXV do *Doutor Fausto* de Thomas Mann.

Entre esses sistemas, está, para Voegelin, o positivismo jurídico, pelas razões que serão debatidas no último capítulo do presente trabalho, a partir do capítulo XIV do *Doutor Fausto*. Eric Voegelin esteve no polo intelectual de Viena do século XX. Suas obras se caracterizam, sobretudo, pelas descrições históricas e análises filosóficas acuradas acerca da evolução do gnosticismo e sua influência na política moderna, desde a cultura helenística até o século XIX, tendo sido orientando e amigo pessoal de Hans Kelsen.

Assim, a escolha pelos autores deste trabalho não é acidental, mas nos permitem o acesso a um debate do século XIX, com graves consequências até os dias atuais, nas mais diversas áreas da cultura. No entanto, concretamente, para empreender uma investigação rigorosa do deserto do espírito moderno e das críticas ao positivismo que levaram à ascensão dos grandes sistemas totalitários do século XX, seria necessária a dedicação a mais de um milênio de história, o que, nesse trabalho, enquanto uma dissertação de mestrado, seria impraticável. Dessa forma, ressaltamos que, metodologicamente, se torna determinante a opção por um símbolo que permita o acesso a esse difícil processo de adoecimento que acompanha a história moderna e que delinieie o problema do totalitarismo do século XX.

Não resta alternativa senão a escolha do romance *Doutor Fausto* que nos fornece, de forma privilegiada, um mapeamento epidemiológico da modernidade, ou seja, o horizonte de formação histórica e cultural moderna alemã, sendo composto a partir de referências teológicas e filosóficas, personalidades e acontecimentos históricos, demonstrando, em uma operação mimética, o passo a passo da ascensão de um tirano e de uma tirania contemporâneos: “*dessa vez eu sabia o que eu queria e a que me propunha: a nada menos do que um romance da minha época, disfarçado numa história de vida de artista altamente precária e pecaminosa*” (MANN, 2001, P. 35).

Tais elementos refletem na extrapolação da narrativa para fora si mesma, como uma tentativa literária grandiosa que intenciona por às vistas do leitor o processo histórico da Alemanha que culminou em uma vertiginosa Noite de Valpúrgis⁷, conforme afirma Otto

⁷ A Noite de Santa Valburga é uma festa cristã com raízes pagãs, ainda celebrada por toda Europa. No *Fausto I* de Goethe, a Walpurgisnacht aparece como uma aventura fáustica, com orgias, magia e bruxas,

Dix: “*Lice, rats, barbed wire, fleas, shells, bombs, underground caves, corpses, blood, liquor, mice, cats, gas, artillery, filth, bullets, mortars, fire, steel: that is what war is! It is all the work of the Devil!*” (DIX apud RUHRBERG, 2000, p. 188), um fenômeno que se dá a partir de um processo de putrefação que acompanha a civilização Ocidental há séculos e cuja dificuldade de apreensão reside na sua essência enquanto uma doença espiritual típica da comunidade moderna gnóstica: “*The essence of gnostic politics must be interpreted as a spiritual sickness*”(VOEGELIN, 2007, p. 226).

Dessa forma, este trabalho se estrutura em quatro seções principais, todas pautadas nas obras voegelianas e sua bibliografia influenciada ou indicada. As duas primeiras abordarão o conceito de doença espiritual e sua disseminação na primeira fase de secularização, no renascentismo dos séculos XIV ao século XVI, a partir do desenvolvimento da tradição fáustica com sua característica gnóstica por excelência, focando-se, especialmente, no capítulo XXV do *Doutor Fausto*.

A terceira partirá da interpretação dos capítulos XII e XIII do *Doutor Fausto*, demonstrando a presença do desenrolar da crise da modernidade na história de formação alemã e os primeiros sintomas aparentes dos vírus totalitário. Por fim, a quarta propõe evidenciar, a partir do capítulo XIV do *Doutor Fausto*, o caráter desumanizador do sistema positivista, como uma concepção abstrata alienante resultante da terceira fase de secularização moderna, do século XVIII até o começo do século XX, a partir das críticas de Voegelin, com especial atenção a determinadas obras e acepções de Hans Kelsen, tentando, na medida possível, recompor o debate entre mestre e aluno acerca da ciência e da moral.

incentivada por Mefistófeles para distrair Fausto de seus conflitos morais decorrentes da tragédia de Margarida.

V. CONCLUSÃO

A crise da modernidade é acompanhada da disseminação de uma doença espiritual que atinge as partes superiores do homem: um vício que acomete a inteligência e a vontade, nos termos do *Doutor Fausto* de Thomas Mann, uma *metaespiritoquitose*. Os homens que chegam a esse estado são aqueles que tiveram sua razão e seu espírito separados de sua vontade por decisão própria. O poder livre decorrente da vontade, quando separada da razão e do espírito, se torna concupiscente ou libidinosa, isto é, sequiosa por uma existência poderosa que não é ordenada nem pela razão nem pelo espírito.

Ao desvincular a razão e o espírito da vontade, isto é, das partes da realidade que o ajudam a ordenar-lhe a vontade e a existência, ainda assim, o homem não deixa de ser homem, sendo possuidor de vontade, razão e espírito, passando a conter uma humanidade doente ou patológica. Será ainda um homem com todo o direito de declarar a existência de ordem, ainda que o princípio ordenador verdadeiro do divino tenha se perdido. Porém, ainda que o homem declare a existência de ordem, isso não é suficiente para que a ordem seja tal qual o conteúdo de sua declaração, pois a estrutura da ordem do ser não irá mudar porque alguém a encontra defeituosa ou deseja dela fugir. A tentativa de destruição do mundo não irá destruir o mundo.

Entretanto, a pneumopatologia presente no homem e na sociedade irá aumentar a desordem da alma e da comunidade com o rompimento com a realidade e o surgimento de pequenos *cosmions* na história. Na modernidade essa crise patológica atinge níveis drásticos a partir da diferenciação do conteúdo cristão e seus símbolos, com o desencantamento do cosmos em prol da transcendência. Para aqueles que, existencialmente, não conseguem de modo heroico enfrentar as condições exigidas pelo caminhar do percurso do divino, o desencantamento do cosmos unido com a impossibilidade de atingimento do transcendente se torna profundamente desesperador. Marcado por uma angústia existencial insuportável, o homem pós-cristão é apresentado à tentação gnóstica e de um pacto: uma solução conciliadora para essa crise com um modo de pensar sincrético que parte da inversão do significado ou, em outros termos, da deformação dos símbolos cristãos.

Um exemplo bastante evidente do pacto gnóstico na história das ideias políticas foi a apropriação indevida do conceito de *eschaton*, pensado como passível de realização histórica. Essa noção foi intelectualmente cristalizada em teorias como a teoria da história

Trinitária de Joaquim de Fiori, que foi absorvida, posteriormente, durante as diferentes fases de secularização modernas, por Turgot, Comte, Fichte, Hegel, Marx e até mesmo pela Terceira Roma da ideologia nazista e por outros grandes movimentos de massa do século XX.

O modo de pensar gnóstico e seus símbolos são a base do homem moderno e de seus movimentos de massa: encontra-se nas raízes dos sentimentos e ideias dos movimentos de revolta e reforma modernos. Estão no foco da superfície do aparato das instituições, isto é, no plano do drama das ideias e sentimentos que agitaram a tensão de revolta contra as próprias instituições e que, eventualmente, durante o decorrer do processo histórico moderno, se tornarão uma revolta contra o próprio espírito encabeçado por essas instituições. Analisar essa base de sentimentos nos permite a reconstrução de uma linha histórica que se inicia com movimentos heréticos e deságua no totalitarismo.

Para compreender esse sentimento comum dos movimentos de massa que proclamam o voo histórico gnóstico do desespero e estado opressivo do mundo para uma nova ordem do mundo via um pacto diabólico, com a perda da inteligência e da vontade reta, ou seja, da alma, não há figura melhor do que a do Fausto: um jurista, artista, filósofo, cientista, político ou teólogo que diante de uma certa crise, seja ela social, do conhecimento ou da cultura, que realiza um pacto com o Diabo visando a superação de sua natureza unicamente humana. Trata-se do símbolo do homem moderno por excelência, um mito de raízes gnósticas que tem origens na agitação patológica renascentista a partir dos contos de um sujeito histórico, Doutor Faustus, que se auto intitulava o segundo Simão, o Mago.

O Fausto será o mito alemão moderno a partir do qual Thomas Mann, um dos grandes escritores alemães do século XX e exilado da Segunda Guerra Mundial, irá contar a genealogia da história alemã que culmina na ascensão de Hitler e do nazismo. Um processo que advém de uma derrocada do espírito na história, provocado, entre outros, pelo positivismo e sua aplicação jurídica, com um modelo de ciência reduzido ao método das ciências naturais. No positivismo jurídico, essa concepção será aplicada às ações humanas, ditas psíco-físicas, reguladas pelo Direito e passíveis de serem significadas pela norma comunitária decretada e na redução do conteúdo de uma norma coercitiva positiva a meros juízos particulares relativos à componentes emocionais da consciência.

A Teoria Pura do Direito elimina, portanto, a dimensão da idealidade no âmbito jurídico, uma realidade que pode ser incorporada melhor ou pior na pólis historicamente

existente. A noção de que os problemas da existência humana podem ser tratados e substituídos por uma racionalidade utilitária é uma crença mágica sem qualquer fundamento, que permeará não somente os movimentos totalitários, como os ditos movimentos liberais ou progressistas que têm origem no coração da revolta moderna.

Uma revolta travada contra o espírito, ou seja, a revolta contra a transcendência e o mundo criado por Deus. Uma epidemia de secularismo e de imanentismo, com uma cruzada singular contra a religião e a metafísica, rejeitando preceitos teológicos e filosóficos e disseminando um vírus que acomete todas instâncias comunitárias, seja a da cultura, da política, da antropologia e do direito. Esse vírus patológico gerará comunidades insalubres e homens com visões de mundo totalitárias, cabendo a tarefa hercúlea ao jurista e ao cientista do direito, enquanto servo das leis, garantir a preservação do espírito das leis e da dignidade da pessoa humana.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO. Theodor. W. **Notas de Literatura I**. 2ª edição. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34. 2012. 176p.
- ARENDT. Hanna. **Eichmann em Jerusalém**. 1ª edição. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras. 1999. 344p.
- ARENDT. Hanna. **Origens do Totalitarismo**. 1ª edição. São Paulo: Companhia de Bolso. 2013. 832p.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**: ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2014. 695 p.
- BENJAMIN. Walter. **A Hora das Crianças**: narrativas radiofônicas. Trad. Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Nau. 2018. 211p.
- BENJAMIN. Walter. O anjo da história. 2ª edição. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2012. 261p.
- BERLIM, Isaiah. **Idéias políticas na Era Romântica**: Ascensão e influência no pensamento moderno. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. 379p.
- BLOOM. Alan. **On the Political Philosophy of Jean-Jacques Rousseau**. 1ª edição. Chicago: University of Chicago Press. 1968. 22p.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2012. 391p. – (Biblioteca do Pensamento Moderno).
- COMTE. Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Editora Abril. 1983. 319p – (Coleção Os Pensadores).
- CRISTIANI. Mons. Leone. Breve História das Heresias. 1ª edição. São Paulo: Editora Flamboyant. 1962. 160p.
- FICHTE. J. G. **Lições sobre a Vocação do Sábio**. 1ª edição. Trad. Artur Morão. Lisboa: Editora 70. 120p.
- GALLE, Helmut; MAZZARI, Marcus. **Fausto e a América Latina**. 1ª edição. São Paulo: Humanitas. 2010. 559 p.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Fausto uma tragédia**: primeira parte. 6ª edição. São Paulo: Editora 34 Ltda. 2016. 551 p.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Fausto uma tragédia**: segunda parte. 4ª edição. São Paulo: Editora 34 Ltda. 2015. 1085 p.

HENRIQUES, Mendo Castro. **A filosofia civil de Eric Voegelin**. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2010. 476p. - (Coleção Filosofia Atual)

HIMMELFARB, Gertrude. **Os caminhos para a modernidade: os iluminismos britânico, francês e americano**. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2011. 297 p. – (Coleção Abertura Cultural).

HUSSERL. Edmund. **Investigações Lógicas: Prolegômenos à Lógica Pura**. Trad. Elmar Holenstein. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 194p.

JABLONER. Clemens. **Kelsen and his Circle: The Viennese Years**. European Journal of International Law. Vol. 9. 1998. Disponível em: <http://www.ejil.org/pdfs/9/2/1496.pdf>. 368-385p. Acessado em: 17 de novembro de 2019 às 17:28.

JONAS. Hans. **The Gnostic Religion**. 3ª edição. Beacon Press. 2005. Boston. 421p.

KANT. Immanuel. **Lições de Ética**. 1ª edição. Trad. Bruno Leonardo Cunha e Charles Feldhaus. São Paulo: Editora Unesp. 2018. 509p.

KELSEN. Hans. **Secular Religion**. Editado por Clemens Jabloner. Springer Press. 2012. Nova York. 307p.

KELSEN. Hans. **A Teoria Pura do Direito**. Trad. João Batista Machado. 7ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes. 427p.

KOLB. Eberhard. **The Weimar Republic**. Tradução P.S. Falla. Routledge Press. 2001. Nova York. 240p.

LIÃO, Ireneu de. **Contra as heresias**. 1ª edição. São Paulo: Paulus. 1995. 623p. – (Patrística)

LOEWEN. Peter. **Olivier Maillard in an Age of Reform: Mélanges de l'École française de Rome - Moyen Âge**. 2018, p. 130-2. Disponível em: <http://journals.openedition.org/mefrm/4390> ; DOI : 10.4000/mefrm.4390. Acessado em: 17 de abril de 2019 às 17:05.

LÖWITH, Karl. **De Hegel a Nietzsche: A ruptura revolucionária no pensamento do século XIX** Marx e Kierkegaard. 1ª edição. São Paulo: Editora UNESP. 2014. 458 p.

LUBAC. Henri de. **O Drama do Humanismo Ateu**. 1ª edição. Trad. Irondino Teixeira de Aguiar. Porto: Editora Porto. 1958. 402p.

LUKÁCS. Georg. **A Teoria do Romance**. 2ª edição. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34. 2009. 236p.

- LUTERO. Martinho. **Da Liberdade do Cristão**. Trad. Erlon José Paschoal. 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP. 2015. 127p.
- MANN, Thomas. **A gênese do Doutor Fausto**. 1ª edição. São Paulo: Editora Mandarin. 2001. 184 p.
- MANN, Thomas. **Doutor Fausto: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo**. 1ª edição. Trad. Hebert Caro. São Paulo: Companhia das Letras. 2015. 618p.
- MANN, Thomas. **Letters of Heinrich and Thomas Mann, 1900-1949**. Trad. Don Reneau. 2ª edição. Berkley: University California Press. 1998. 449p.
- MARITAIN. Jacques. **Three Reformers: Luther, Descartes, Rousseau**. 1ª edição. Londres: Sheed & Ward Press. 1928. 116p.
- MARITAIN. Jacques. **O Homem e o Estado**. Trad. Alceu Amoroso Lima. 4ª edição. São Paulo: Editora Agir. 1952. 321p.
- MARLOWE. Christopher. **A história trágica do Doutor Fausto**. 2ª edição. São Paulo: Editora Hedra. 2011. 124p.
- MARLOWE. Christopher. **The Tragical History of Doctor Faustus**. Routledge Press. 2005. Nova York. 147p.
- MIRANDOLA. Giovanni Pico della. **Discurso sobre la dignidad del hombre**. Trad. Pedro J. Quetglas. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias. 1998. 117p.
- NETTO, Francisco Benjamin de Souza. **Do sagrado ao lúdico: a festa do asno**. Trans/Form/Ação, Marília, v. 21-22, n.1, p. 21-26, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131731999000100003&lng=en&nrm=iso. Acessado em 17 de novembro de 2019, às 15:47.
- NEVES. A. Castanheira. **Metodologia jurídica: problemas fundamentais**. 1ª edição. Coimbra: Coimbra editora. 1993. 306 p. – (Boletim da Faculdade de Direito Universidade de Coimbra).
- OLIVEIRA. Mara. R. **Cinema e Filosofia do Direito em Diálogo**. 1ª Edição. Editora: Createspace Independent Publishing Platform. 2015. 232p.
- OST. François. **O Tempo do Direito**. 1ª edição. Trad. Élcio Fernandes. São Paulo: EDUSC. 2001. 203p.

- PALMER, Philip Mason; MORE, Robert Pattinson. **The Sources of The Faust Tradition, from Simon magus to Lessing**. 2ª edição. Londres: Editora Haskell House Publishers. 1965. 300p.
- PLATÃO. **Συμπόσιον = O Banquete**. 3ª edição. Belém: Editora UFPA. 2011. 201 p.
- PLATÃO. **Πολιτεία = A República**. 4ª edição. Belém: Editora UFPA. 2016. 853 p.
- PAVESE. Cesare. **Diálogos com Leucó**. 2ª edição. São Paulo: Cosac & Naify. 2011. 240p.
- PORTA. Mario A. G. **A Filosofia a Partir de Seus Problemas**. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2014. 174p.
- PORTA. Mario A. G. **Estudos Neokantianos**. 1ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2011. 322p.
- ROPS. Daniel. **A Igreja do Renascimento e da Reforma. Uma Revolução Religiosa: a Reforma Protestante**. Volume IV. 2ª edição. São Paulo: Editora Tavares Martins. 1962. 470p – (Coleção História da Igreja de Cristo).
- ROUSSEAU. Jean-Jacques. **A Origem da Desigualdade entre os Homens**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras. 2017. 147p.
- ROUSSEAU. Jean-Jacques. **Emílio**. Trad. Laurent de Saes. São Paulo: Edipro. 2017. 559p.
- ROUSSEAU. Jean-Jacques. **Discurso Sobre a Economia Política**. Trad. Maria Constança Peres Pissarra. São Paulo: Edipro. 2017. 147p.
- ROUSSEAU. Jean-Jacques. **Os Devaneios do Caminhante Solitário**. Trad. Laurent de Saes. São Paulo: Edipro. 2017. 127p.
- RUBIO. Fernando Bermejo. **El Maniqueísmo**. 1ª edição. Madrid: Editorial Trotta. 2008. 299p.
- SANDOZ. Ellis. **A Revolução Voegelian: Uma Introdução Biográfica**. Trad. Elpídio Mario Dantas Fonseca. Editora É Realizações. 2015. São Paulo. 400p.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as Desventuras dos Artistas Franceses na Corte de D. João**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2014. 412p.
- VARAZZE. Jacopo de. **Legenda Aurea: A Vida dos Santos**. 4ª edição. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras. 2011. 1054p.
- VOEGELIN, Eric. **Anamnese: da teoria da história e da política**. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2009. 543p. – (Coleção Filosofia Atual)

VOEGELIN, Eric. **A Nova Ciência da Política**. 2ª edição. Trad. Elpídio Mario Dantas Fonseca. Editora É Realizações. 2017. São Paulo. 302p.

VOEGELIN, Eric. **As Religiões Políticas**. 1ª edição. Trad. Teresa Marques da Silva. São Paulo: Editora Vega. 2002. 98p.

VOEGELIN, Eric. **Hitler e os Alemães**. 1ª edição. Trad. Elpídio Mario Dantas Fonseca. Editora É Realizações. 2008. São Paulo. 334p.

VOEGELIN, Eric. **Idade Média até Tomás de Aquino**: História das idéias políticas – Volume II. Trad. Elpídio Mário Dantas da Fonseca. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2012. 293p. - (Coleção Filosofia Atual)

VOEGELIN, Eric. **Idade Média tardia**: História das ideias políticas – Volume III. 1ª edição. São Paulo. Trad. Elpídio Mário Dantas da Fonseca. É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2013. 335p. - (Coleção Filosofia Atual).

VOEGELIN, Eric. **Renascença e Reforma**: História das ideias políticas – Volume IV. Trad. Elpídio Mário Dantas da Fonseca. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2014. 367p. - (Coleção Filosofia Atual)

VOEGELIN, Eric. **Religião e a Ascensão da Modernidade**: História das ideias políticas – Volume V. Trad. Elpídio Mário Dantas da Fonseca. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2016. 332p. - (Coleção Filosofia Atual)

VOEGELIN, Eric. **Revolução e a Nova Ciência**: História das idéias políticas – Volume VI. Trad. Elpídio Mário Dantas da Fonseca. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2019. 277p. - (Coleção Filosofia Atual)

2016. 332p.

VOEGELIN, Eric. **A Crise e o Apocalipse do Homem**: História das ideias políticas – Volume VIII. Trad. Elpídio Mário Dantas da Fonseca. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2017. 277p. - (Coleção Filosofia Atual)

VOEGELIN, Eric. **Reflexões autobiográficas**. 1ª edição. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2007. 190p. - (Coleção Filosofia Atual)

VOEGELIN, Eric. **Order and History**. Volume I. 1ª edição. Lousiana: Lousiana University Press. 2000. 455p. - (The Collected Works of Eric Voegelin)

VOEGELIN, Eric. **Ordem e História**. Volume III. 3ª edição. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo. Edições Loyola. 2009. 443p.

VOEGELIN, Eric. **Ordem e História**. Volume V. 3ª edição. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo. Edições Loyola. 2009. 153p.

VOEGELIN, Eric. **Robert B. Heilman and Eric Voegelin: A Friendship in Letters (1944-1984)**. Columbia: University of Missouri Press. 2004. 353p.

VOEGELIN, Eric. **Race and State**. Volume II. 1ª edição. Trad. Ruth Hein. Columbia: University of Missouri Press. 1997. 256p. - (The Collected Works of Eric Voegelin).

VOEGELIN, Eric. **Kelsen's Pure Theory of Law and the Problem of an Austrian Theory of State**, em The Authoritarian State. Volume IV. 1ª edição. Trad. Ruth Hein. Columbia: University of Missouri Press. 2000. 407p. - (The Collected Works of Eric Voegelin).

WATTS. Ian. **Myths of Modern Individualism**. 2ª edição. New York: Cambridge University Press. 1996.